



UM RELATO DA EDUCAÇÃO DO POVO INDÍGENA TICUNA NA REGIÃO DO ALTO SOLIMÕES

Karoline Guerreiro Silva¹
Rosana Ramos de Souza²

RESUMO: O presente estudo foi realizado através da disciplina Educação Indígena do 5º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas -UFAM, ministrada pela professora Dra. Rosana Souza, dividimos para cada grupo um assunto relacionado aos povos indígenas, o presente grupo ficou responsável do povo Ticuna. Elencamos o objetivo geral: Analisar os marcos legais e o processo educativo na educação indígena do povo Ticuna na região do alto Solimões. Os objetivos específicos: 1. Compreender os desafios da educação indígena na região do Alto Solimões. 2. Verificar o processo de inclusão do aluno indígena na sala de aula. 3. Observar a didática do educador em lecionar suas aulas para o aluno indígena. Os Ticunas configuram o mais numeroso povo indígena na Amazônia brasileira. Com uma história marcada pela entrada violenta de seringueiros, pescadores e madeireiros na região do rio Solimões, foi somente nos anos 1990 que os Ticuna lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios da linguagem. Diante das observações realizadas na perspectiva da escola ser um espaço plural ou sociocultural, apresentamos a problemática como é realizada a relação entre professores e as crianças indígenas. Registrando os primeiros dias de observação na escola, destacamos a relação de convivência entre esses dois grupos. É necessário que as secretarias municipais e estaduais de educação promovam formações continuadas para enfatizar as línguas de diferentes povos indígenas, para estabelecer a curiosidade do educador em adquirir conhecimentos e conseqüentemente se preparar para lecionar aulas para a criança indígena.

Palavras-chave: Educação Indígena, Ticuna, Educador.

INTRODUÇÃO

O estudo foi realizado através da disciplina Educação Indígena do 5º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas -UFAM, ministrada pela professora Dra. Rosana Souza, o enfoque foi o estudo do povo Ticuna, esses estudos são de suma importância para destacar sobre a educação que são realizadas nesses povos, como conhecer cada estrutura da instituição de ensino, como a educação está sendo enfatizada para as crianças e quais os desafios que são encontrados no trabalho do educador.

Logo, a temática Educação e o Povo Indígena Ticuna: Na região do Alto Solimões vem enfatizar o processo de educação que as crianças recebem no seu cotidiano na sala de aula, sabemos o quanto a educação indígena é de suma importância e que todos os professores em formação na Pedagogia precisam conhecer, pois há uma presença constante de crianças

¹ Acadêmica do 5º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFAM. E-mail: karolineguerreiro2904@gmail.com

² Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFAM. E-mail: rosanasouza@ufam.edu.br



indígenas na zona urbana/rural, através disso propomos a problemática a ser estudada: Os alunos indígenas recebem uma educação de qualidade e estrutura adequada para seu processo de ensino e aprendizagem?

Elencamos o objetivo geral: Analisar os marcos legais e o processo educativo na educação indígena do povo Ticuna na região do alto Solimões.

Os objetivos específicos: 1. Compreender os desafios da educação indígena na região do Alto Solimões. 2. Verificar o processo de inclusão do aluno indígena na sala de aula. 3. Observar a didática do educador em lecionar suas aulas para o aluno indígena.

A região do Alto Solimões a ser destacada é o município de Tabatinga, localizado no estado do Amazonas, na região Norte do Brasil, que faz fronteira com a Colômbia e o Peru. Com uma população de aproximadamente 63 mil habitantes, é considerado um dos principais pontos de entrada e saída entre esses três países. Sua economia é baseada no comércio, no turismo e na agricultura de subsistência. Por ser um local distante de nossa realidade, realizamos observações de campo no município de Parintins, na escola municipal Charles Garcia que tem uma criança indígena, mas de etnia Sateté-Mawé, sendo importante observar pois os povos indígenas compõem um grupo na qual os educadores precisam oferecer uma didática para inclusão de todos. A nossa pesquisa é bibliográfica desenvolvida com base no material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. Se faz também de uma pesquisa qualitativa, se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Haverá então outras generalizações, como descrições, comparações e interpretações. Também a observação participante se faz presente na pesquisa, que segundo Gil (2002) busca o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade e se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, e por fim o caderno de campo que utilizamos através da observação para anotar tudo que observamos e destacar pontos relevantes da pesquisa.

METODOLOGIA

O levantamento de pesquisa é de cunho bibliográfico, que para Gil (2002) é uma pesquisa bibliográfica desenvolvida com base no material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. É importante no educandário de um pesquisador realizar esse estudo, pois ele aprofunda-se na pesquisa, compara ideias de diferentes autores e correlaciona com seus argumentos para identificar equivalência em seus pensamentos, essa pesquisa está presente no ramo acadêmico e ajuda a estabelecer ideais em defender uma opinião acerca do que está sendo pesquisado.

Se faz também de uma pesquisa qualitativa, para Minayo (2014) a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Haverá então outras generalizações, como descrições, comparações e interpretações. É importante destacar na pesquisa qualitativa, como o próprio nome diz, visa ignorar dados numéricos, pois os resultados não estão sempre relacionando com quantidades, mas sim com ideias, correlações e que podem ser enfatizadas através de entrevistas, observações seja participante ou não.

Foi utilizado a observação participante que segundo Gil (2002) busca o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade e se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, e por fim o caderno de campo que utilizamos através da observação para anotar tudo que observamos e destacar pontos relevantes da pesquisa.

Para o aprofundamento foi acerca do Censo Escolar e o Ministério da Educação. Será analisado a partir dos teóricos da educação indígena Ribeiro (2003) que trata o tema sobre a educação intercultural, seus desafios emergentes a partir das relações das comunidades, e Silva (2001), com o tema a questão indígena e a escola, finalizando as ideias de Cardoso (2012), traz o letramento potiguara, o discurso do referencial indígena e a prática de sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

OS POVOS TICUNAS E A EDUCAÇÃO

Os Ticunas configuram o mais numeroso povo indígena na Amazônia brasileira. Com uma história marcada pela entrada violenta de seringueiros, pescadores e madeireiros na região do rio Solimões, foi somente nos anos 1990 que os Ticuna lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. Hoje enfrentam o desafio de garantir sua sustentabilidade econômica e ambiental, bem como qualificar as relações com a sociedade envolvente mantendo viva sua riquíssima cultura. Não por acaso, as máscaras, desenhos e pinturas desse povo ganharam repercussão internacional.

De acordo com seus mitos, os Ticunas são originários do igarapé Eware, situado nas nascentes do igarapé São Jerônimo (Tonatü), tributário da margem esquerda do rio Solimões, no trecho entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. “Ainda hoje é essa a área de mais forte concentração de Ticuna, onde estão localizadas 42 das 59 aldeias existentes” (Oliveira, 2002: 280).

No início, mantiveram sua tradicional distribuição espacial em malocas clônicas e, na década de 1970, havia mais de cem aldeias. Hoje, essa distribuição das aldeias dos povos



Ticunas se modificou substancialmente. Sabe-se ainda que alguns índios desceram o rio até Tefé e outros municípios do médio Solimões, outros se fixaram no município de Beruri, no baixo curso do Solimões, bastante próximo à cidade de Manaus.

No alto Solimões, contudo, os Ticunas são encontrados em todos os seis municípios da região, a saber: Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins. Sua população está distribuída em mais de 20 Terras Indígenas.

A Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues (OGPTB), criada em dezembro de 1986 e constituída juridicamente em 1994, atua numa extensa área formada pelos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins, na região do alto rio Solimões (AM). Ao longo de quase 20 anos, a OGPTB tem sido uma importante referência para os professores ticuna e, mais recentemente, também para os professores de outras etnias que habitam a região, como os Cocama e os Caixana.

Como se sabe, no ano de 1500, Portugal, considerou todo o território brasileiro como parte integrante do seu domínio. Em razão disso, praticamente os dois primeiros séculos da história do Brasil, não foram feitas nenhuma consideração a respeito sobre a necessidade de se assegurarem os direitos dos povos indígenas, somente com o Alvará Régio de 1º de Abril de 1763 é que Portugal reconheceu que deveria respeitar a posse dos indígenas sobre suas terras, por eles terem sido os primeiros ocupantes e donos naturais. Porém o Alvará não foi tão respeitado, e tornaram-se silenciados, pois os colonos contavam com apoios explícitos da época, um exemplo desse apoio foi a Carta Régia de 02/12/1808 que declarava como devolutas as terras que fossem “conquistadas” dos índios como “Guerra Justas”, intentadas pelo governo contra os povos indígenas que não se submeteram ao seu domínio no Brasil.

A partir da década de 1970, com as políticas expansionistas do governo militar, os indígenas brasileiros passaram a organizar seus próprios movimentos sociais para defender seus direitos. Sendo cada vez mais autores de sua própria história. A luta da consciência da luta inseriu os povos indígenas do Brasil de forma direta e expressiva na opinião pública, fazendo com que as lideranças tivessem mais autonomia e voz para ir à luta de seus direitos por si só.

Marcos Legais da população e educação escolar indígena

A procura de instituir uma educação escolar diferenciada, a Constituição de 1988, mais especificada:

Capítulo III- Da educação, da cultura, e do desporto

Seção I- “Da educação”



Art. 210- Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

2. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios da linguagem

A LDB, lei nº9.394/96, reafirmou alguns pontos já apresentados na Constituição Federal e foi mais além, citando pela primeira vez o estabelecimento de uma “educação escolar bilíngue” e intercultural aos povos indígenas.

Art.78- O sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para oferta de Educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas.

Destaca-se a universalização da oferta de programas educacionais aos povos indígenas para todas as séries do ensino fundamental, assegurando autonomia para as escolas indígenas, tanto no que se refere ao projeto pedagógico quanto ao uso dos recursos financeiros, e garantindo a participação das comunidades indígenas nas decisões relativas ao funcionamento dessas escolas. Para que isso se realize, o Plano estabelece a necessidade de criação da categoria escola indígena para assegurar a especificidade do modelo de educação intercultural e bilíngue e sua regularização junto aos sistemas de ensino.

O Plano Nacional de Educação prevê, ainda, a criação de programas específicos para atender às escolas indígenas, bem como a criação de linhas de financiamento para a implementação dos programas de educação em áreas indígenas. Estabelece-se que a União em colaboração com os Estados devem equipar as escolas indígenas com equipamento didático-pedagógico básico, incluindo bibliotecas, videotecas e outros materiais de apoio, bem como serão adaptados os programas já existentes hoje no Ministério da Educação em termos de auxílio ao desenvolvimento da educação.

De acordo com o Referencial Curricular Amazonense (RCA) dentro da área da educação indígena diz que o processo da criança indígena é diferenciado, pois é inserido entre as práticas socioculturais de seu povo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A política educacional tem se pautado pela suposição que a escola é o principal ambiente para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, mais igualitária e democrática com o



intuito de promover a equidade e a inclusão social das populações menos favorecida e discriminadas, como o povo indígena, que por muitos séculos não foram vistos como seres humanos históricos, culturais como qualquer um de nós. Hoje os povos indígenas têm esses direitos prescritos na lei, o apelo da política para a “inclusão” social destes povos excluídos, tem sido um passo dado às suas lutas, garantindo assim através do governo sistema de cotas, o incremento da mobilidade social preconizada.

Porém, as escolas nas aldeias têm sido, com raras exceções, réplicas das escolas da cidade, estruturas de funcionamento, carga horária, critérios de avaliação. Tudo pensado na forma de que os povos indígenas se sintam “incluídos” na sociedade atual e com o passar do tempo até perdendo sua identidade e seu modo de ser.

A partir da promulgação da Constituição Federal, foi reconhecido o direito a uma cidadania diferenciada e é essa “educação indígena diferenciada” passa a ser o discurso orientador das políticas públicas, [...] o se tratar da educação indígena e propor modelos para funcionamento das escolas nas aldeias, há que se caracterizar a condição de vivência de cada grupo.” (p.468). Para o autor, o discurso sobre escola diferenciada deve ser atribuído a valorização da língua materna, valorização dos aspectos culturais tradicionais para as escolas das aldeias, “[...] a escola assim, devia fornecer-lhes as ferramentas necessárias para o trânsito, sem discriminações, na cultura ocidentalizada.” (p.469).

Descrição do Município e infraestrutura das escolas

O município estudado foi Tabatinga, que é um município brasileiro do interior do estado do Amazonas, região norte do país. Pertence à região geográfica da mesorregião do Alto Solimões. Tem uma população de 71.317 habitantes de acordo com estimativas do IBGE. Em 2021, Tabatinga tem 68.502 habitantes.

O município está localizado no oeste do estado do Amazonas, na tríplice fronteira entre o Brasil, Colômbia e Peru, tendo sido criado em 1983. Apresenta uma conturbação com a cidade colombiana de Leticia. Nesse local é marcado por alguns conflitos em relação ao tráfico de drogas elevadas na região, sendo preciso a presença do exército brasileiro para fiscalizar as fronteiras e estabelecer a ordem e progresso.

O custo de vida é um pouco elevado em virtude da distância com a capital, todavia, a cidade fronteiriça, Letícia, dá suporte mais favorável, haja vista que tal cidade é livre de todo imposto colombiano, recebendo mercadoria vindas pelo canal do Panamá e Bogotá a preços baixos. Em comparação com a cidade de Letícia, o povo de Tabatinga percebe uma

precariedade nos serviços estabelecidos na região, principalmente no quesito de comunicação através de rede dados de telefonia, moradores enfatizam que na cidade colombiana o serviço é de alta qualidade, também a população tabatinguense vai à cidade para fazer compras diversas, onde varia do supermercado aos móveis da casa.

Durante o ano existem vários eventos importante destaca-se o réveillon com a tradicional queima de fogos no rio Amazonas ou rio Solimões, carnaval ou festa juninas, as comemorações cívicas.

Na cidade de Tabatinga existem escolas indígenas que cada uma diferencia-se de sua estrutura, abaixo está listado sobre cada uma delas e enfatizando cada aspecto que elas oferecem para a educação das crianças indígenas:

QUADRO 01: ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA AEGACU DECATUCU

INFRAESTRUTURA				
ALIMENTAÇÃO	DEPENDÊNCIAS	SERVIÇOS	TECNOLOGIA	EQUIPAMENTOS
Alimentação	Sanitário	Poço artesiano	Internet	Impressora
Água filtrada	Cozinha	Energia elétrica	Banda Larga	TV
		Fossa		Retroprojektor/projetor
		Lixo com coleta		
		Lixo(queima)		
		Lixo(outros)		

Fonte: <https://qedu.org.br>

No quadro acima a escola oferece uma qualidade no quesito da alimentação das crianças, ou seja, a merenda escolar que é um direito deles, a água filtrada um ponto importante nos serviços da escola pois permite a integração da saúde dos educandos e não coloca em risco contaminações que possa prejudicar a vida de todos. Também os serviços de poço artesiano, energia elétrica, fossa, e coleta do lixo são pontos positivos da escola, um ponto a ser repensado é em relação a queima do lixo, por tratar-se de uma instituição de ensino, deveriam enfatizar as crianças indígenas que a melhor alternativa para os cuidados com o lixo seria realizar a coleta seletiva do mesmo para praticar a reciclagem. Na escola percebe-se a presença da internet e equipamentos midiáticos, o professor pode utilizar essas ferramentas para lecionar aulas dinâmicas e juntamente com os alunos promover desafios online de alfabetização para todos participar do processo de ensino e aprendizagem.

QUADRO 02: ESCOLA MUNICIPAL MARECHAL RONDON

INFRAESTRUTURA				
ALIMENTAÇÃO	DEPENDÊNCIAS	SERVIÇOS	TECNOLOGIA	EQUIPAMENTOS
Alimentação	Sanitário	Água fonte de rio	Internet	TV
Água filtrada	Cozinha	Energia elétrica	Banda Larga	Retroprojektor/projetor
	Sala de Professores	Esgoto (Fossa)		
		Lixo com coleta		
		Lixo(queima)		
		Lixo(enterra)		

Fonte: <https://qedu.org.br>

Em comparação com o quadro 01, a escola Marechal Rondon (quadro 02) possui diferenças com a escola anterior, os pontos a serem destacados são a sala dos professores, a importância dessa sala é garantir que o educador no tempo que não está lecionando aula, possa organizar seu planejamento com demais colegas de profissão para verificar dificuldades e potencialidade dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Nessa escola não oferece o serviço de poço artesiano, mas permite a utilização da água através do rio, o serviço mais natural que as crianças indígenas possam compreender a importância da utilização dos recursos naturais. A ausência do equipamento da impressora na escola torna-se desafiador, o professor em certas ocasiões precisa utilizar atividades impressas para complementar o aprendizado do aluno, alguns alunos podem não dominar a escrita no quadro e pode atrasar o ritmo dos demais colegas, mas é preciso ter cautela com muitas atividades impressas para não permitir que as aulas sejam meramente tradicionais.

QUADRO 03: ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA EWARE MOWATCHA

INFRAESTRUTURA				
ALIMENTAÇÃO	DEPENDÊNCIAS	SERVIÇOS	TECNOLOGIA	EQUIPAMENTOS
Alimentação	Sanitário	Água fonte rio		
Água filtrada		Energia elétrica		
		Esgoto (Fossa)		
		Lixo(queima)		
		Lixo(enterra)		

Fonte: <https://qedu.org.br>

Na escola do Quadro 3 oferece mais estrutura no quesito da leitura e da quadra poliesportiva, esses serviços são primordiais para que o educador possa complementar as atividades da sala de aula com uma atividade extraclasse, na quadra pode lecionar aulas que envolvem corpo, gestos e movimentos, desafios interclasses entre as turmas, gincanas e principalmente atividades culturais que envolvam todo o corpo escolar. A biblioteca é uma sala importante para que a professora responsável utilize com os alunos livros didáticos para que todos possam ter acesso e mesmo não dominando a leitura, mas utilizando para tomarem conhecimento de diversas histórias que proporcionam.

QUADRO 04: ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA TOENATUU

INFRAESTRUTURA				
ALIMENTAÇÃO	DEPENDÊNCIAS	SERVIÇOS	TECNOLOGIA	EQUIPAMENTOS
Alimentação	Sanitário	Água poço artesiano	Internet	TV
Água filtrada	Cozinha	Energia elétrica	Banda Larga	Retroprojektor/projetor
	Sala de Professores	Esgoto (Fossa)		Impressora
	Biblioteca	Lixo(queima)		
	Quadra de Esportes	Lixo(enterra)		
	Sala de Leitura			

Fonte: <https://qedu.org.br>

Na escola do quadro 04 percebe-se uma ausência de salas importantes na instituição de ensino como sala dos professores, biblioteca, quadra poliesportiva, sala de leitura, apenas tem sanitário (banheiro), isso torna-se um problema porque essa pouca estrutura dificulta o trabalho do educador com as crianças indígenas, precisando inovar através de aulas diferenciadas que envolvam a campo, principalmente numa escola que não possui nem tecnologia (ausência de internet) e equipamentos que auxilie o professor na sala de aula.

QUADRO 05: ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA FREI FIDELIS

INFRAESTRUTURA				
ALIMENTAÇÃO	DEPENDÊNCIAS	SERVIÇOS	TECNOLOGIAS	EQUIPAMENTOS
Alimentação	Sanitário	Água fonte rio		Impressora
Água Filtrada	Cozinha	Energia elétrica		Projektor
		Esgoto (Fossa)		
		Lixo (joga em outra área)		
		Lixo(outros)		

Fonte: <https://qedu.org.br>

Na escola do quadro 05 a sua estrutura permite ao educador ter uma sala para realizar seus planejamentos de aula, mas não oferece uma sala de leitura para os alunos, nesse caso o educador precisa realizar essa atividade na sala regular, mas pode complementar essa atividade através da tecnologia como a internet, um ponto a ser destacado também em relação a estrutura da escola é em relação ao descarte do lixo no quesito de enterrá-lo, pode prejudicar os lençóis freáticos do solo, então a melhor forma de descartar é reciclando, as crianças indígenas podem utilizar essa prática porque vivem num ambiente natural e é preciso manter de forma limpa, segura e livre de poluições sem que prejudique o meio ambiente. Esse trabalho da reciclagem pode ser feito de forma interdisciplinar para que as crianças possam aprender e conhecer diversos assuntos e relacionar com seu cotidiano.

QUADRO 06: ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA ANTÔNIO BRAGA

INFRAESTRUTURA				
ALIMENTAÇÃO	DEPENDÊNCIAS	SERVIÇOS	TECNOLOGIAS	EQUIPAMENTOS
Alimentação	Sanitário	Água fonte rio	Internet	
Água filtrada	Cozinha	Energia elétrica	Banda Larga	
	Sala dos professores	Esgoto (Fossa)		
		Lixo(queimada)		
		Lixo(enterra)		

Fonte: <https://qedu.org.br>



Na escola do quadro 06 percebe-se o problema de estrutura em relação a falta de salas para professores, ausência da biblioteca, quadra poliesportiva, sala de leitura, e também a coleta do lixo é realizada de forma prejudicial ao meio ambiente sendo descartado de forma aleatória seja nos terrenos baldios, nos arredores da instituição de ensino, esse acúmulo de lixo pode permitir a presença de roedores, aves de rapina que através do chorume podendo espalhar os resíduos ocasionando um agravante odor.

Diante das observações realizadas na perspectiva da escola ser um espaço plural ou sociocultural, apresentamos a problemática como é realizada a relação entre professores e as crianças indígenas. Registrando os primeiros dias de observação na escola, destacamos a relação de convivência entre esses dois grupos. Trata-se de uma relação silenciosa, ocasionando certo abandono e descaso com a educação dessas crianças na sala de aula, isso ocasiona devido certa precariedade do acompanhamento dos educadores devido má formação e despreparo para lidar com as crianças indígenas. É notório que alguns educadores visam apenas lecionar os conteúdos, desta forma se configura uma carência voltada a questão didática, a criança indígena torna-se invisível e silenciado na sala por indiferenças. Porém, é preciso destacar carência de formação continuada para os educadores sobre a educação indígena, na área do curso de Licenciatura em Pedagogia a educação indígena está presente apenas no máximo duas disciplinas no currículo do curso, assim são poucas informações para o preparo de um futuro profissional da educação..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as observações e também da análise da pesquisa bibliográfica, percebe-se o quanto a educação indígena ainda precisa ser mais valorizada pelo Estado e o município, que a inclusão não é apenas colocar o aluno no meio de outros colegas, desta forma ele está apenas integrado, mas não incluído. É importante enfatizar o quanto esta pesquisa pode contribuir na vida do professor em formação, pois em algum momento ele vai para campo, trabalhar ou na zona urbana ou rural e assim conhecendo todos os trâmites da educação indígena, não irá impactar-se quando tiver um aluno indígena na sua sala de aula, porque estará preparado em lecionar sua didática para aquele aluno.

Esse ponto a ser destacado foi através das conclusões das observações na sala de aula, assim conclui-se que o objetivo geral quanto específicos e respondeu todas as hipóteses acerca do que foi pesquisado. Esse estudo mostrou o quanto precisa-se buscar mais formações para



aprimorar a didática e que é preciso favorecer uma formação continuada para todos os professores brasileiros, para assim capacitá-los e realizar mudanças na sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

SITES PARA PESQUISA:

Instituto Socioambiental

<https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/programas/povos-indigenas-no-brasil>

IBGE INDÍGENAS

<https://indigenas.ibge.gov.br/>

Número de escolas indígenas por município:

<https://www.escol.as/>

Qedu – Pesquisar o Censo de Escolar (infraestrutura, matrícula) de determinada escola.

<https://novo.qedu.org.br/>

Material alfabetização indígena

<http://livros01.livrosgratis.com.br/me001838.pdf>

LIVROS

AZIBEIRO, Nadir Ribeiro. Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares. In: **Educação intercultural: mediações necessárias**. RJ: DP&A, 2003.

CARDOSO, Marinésio. Letramento Potiguara: o gênero aula: entre o discurso do referencial indígena e a prática de sala de aula. In: SIMAS, Hellen Cristina Picanço; PEREIRA, Regina Celi Mendes. **Letramento Indígena Potiguara**. 22 ed. Manaus: Editora Valer/Fapean, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Marina Kawall Leal. **Antropologia, História e Educação: A questão indígena e a escola**. 2 ed. São Paulo; Global, 2001.